

CONVERSANDO SOBRE “FESTA”

Neusa Quirino Simões O. D. N.

Entrevista com Alceu Amoroso Lima, no Centro D. Vital, na rua Araujo Porto Alegre, 70 — 1.º andar, Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro de 1973.

Duração: sessenta minutos. Fita depositada no Setor de Arquivos do Instituto de Estudos Brasileiros.

— Professor, eu gostaria de saber como surgiu o Grupo Festa.

— Jackson de Figueiredo veio para o Rio em 1918 e a sua figura é uma figura de capital importância nesse momento, sobretudo a partir de 1922, quando realmente se desencadeou no Brasil o movimento de transformação e transmutação de valores, de que fazia parte, precisamente, o movimento modernista. **Festa** é um capítulo, um setor desse movimento que eu chamo de revolução espiritual, de que, por sua vez, o movimento **Festa** absorveu a filosofia de vida, em face de outros movimentos modernistas: grupo primitivista, grupo nacionalista, grupo dinamista de Graça Aranha e outros que tiveram filosofias de vida diferentes. **Festa**, entretanto teve uma filosofia de vida bastante definida e essa filosofia de vida bastante definida é o que Maritain chamou de “*La primauté du spirituel*”, a primazia do espiritual.

Ora, para se fazer um estudo sobre **Festa** é indispensável que se acentue a filosofia de vida que inspirou o movimento **Festa** e se destaque também a filosofia de vida do Primitivismo, Nacionalismo, Dinamismo, justamente para ressaltar a originalidade do movimento **Festa**. Na origem da filosofia da vida de **Festa** existem dois movimentos:

— um movimento de reação católica ou de renovação espiritual, encabeçado por Jackson de Figueiredo e

— um movimento simbolista, no plano literário. São esses dois focos que é preciso acentuar, ao estudar a origem do movimento, e o foco filosófico-religioso é precisamente aquele que é representado, hoje, pela figura de Jackson de Figueiredo. Jackson tinha participado na Bahia do movimento simbolista, quando este se estendeu

para o norte, participado inclusive com poemas, tanto assim que, recentemente, o jornal *Tribuna da Imprensa* publicou, a propósito do 45º aniversário da morte de Jackson, um número que lhe é dedicado, em que reproduz poemas daquele período que são nitidamente simbolistas. Na Bahia, havia, inclusive, um poeta que hoje é considerado um dos mais originais poetas modernos, Pedro Kilkerry, na origem desse movimento simbolista.

Mas o movimento espiritualista-filosófico provou da conversão de Jackson em 1918, de sua vinda para o Rio, de sua aproximação a Farias Brito e depois de seu abandono da vida literária. Jackson, tendo se convertido e, sobretudo se apaixonado por problemas filosóficos, ele se aproximou, no Rio, da figura de Farias Brito que, por sua vez, é uma espécie de nume protetor de toda esta reação espiritualista, da qual o movimento *Festa* é uma consequência. Deste modo, podemos dizer que, mesmo antes de Jackson, de modo ainda mais indireto, a figura de Farias Brito é mesmo uma espécie de nume tutelar das idéias filosóficas que inspiraram essa reação espiritualista de que *Festa* será uma consequência literária.

Jackson levou as idéias filosóficas de Farias Brito que, do ponto de vista religioso, eram indefinidas, levou-as a uma definição religiosa católica. Com a sua conversão, em 1918, Jackson se interessou mais diretamente pelo problema religioso propriamente dito, e pelo problema político. Deixou, de certo modo, o problema literário, dele se ocupando apenas accidentalmente. Mas, o grupo de que ele se aproximou, aqui no Rio, era o grupo de alguns escritores que, naquele momento, faziam parte de um movimento nacionalista, um movimento latino-americanista; entre eles Alvaro Bomfim, Alcebiás Delamar, Antônio de Godói e outros interessados, então, em uma revista americano-latina, da qual Jackson fazia parte e mais alguns do grupo que depois formaram o grupo *Festa*.

— Até que ponto podemos considerar a importância de Jackson para o movimento *Festa*?

— A figura de Jackson é importante, porque ele se aproximou desse grupo de tipo latino-americanista, cujo objetivo era exaltar a América Latina, a latinidade da América face à América anglo-saxônica. Quando se converteu, Jackson escreveu um livrinho *Do nacionalismo na hora presente*, em que ele se destacou do grupo e lançou o seu próprio movimento, o movimento da revista *A Ordem* e o Centro D. Vital., do qual fizeram parte alguns elementos que, em seguida, fundaram a revista *Terra do sol*, já então com Tasso da Silveira. Aqui aparece a figura de Tasso da Silveira, embora ele tenha estreado, mais ou menos, por essa época. Não quero afirmar, mas penso que ele estreou por volta de 1921.

— Qual, realmente, a importância de Tasso da Silveira nesse Movimento?

— Tasso da Silveira vinha do Sul, justamente do movimento que no Paraná tinha feito o Simbolismo paranaense com Dálio Veloso, Silveira Neto — “Luar de Inverno” — que era o próprio pai de Tasso. Eles vieram para o Rio de Janeiro, sobretudo esses dois que mais tarde se destacaram mais nitidamente: o Andrade Muricy que veio a escrever a obra mais completa sobre o Simbolismo e Tasso da Silveira. Tasso da Silveira em *Terra do sol* está numa fase de transição entre sua formação simbolista, que vinha do pai, do movimento de Curitiba, e a influência de Jackson de Figueiredo, de quem se aproximara muito, (é por isto que digo que *Terra do sol* é uma publicação importante. Mais tarde Tasso chegava bem perto do movimento integralista, mas sem maiores consequências. Tasso, realmente, não se tornou, do ponto de vista apostólico, um companheiro de Jackson no Centro D. Vital, no sentido de colocar essa missão de propaganda apostólica do catolicismo acima de tudo, nem muito menos, do movimento político-nacionalista, depois integralista. Deste, Tasso se aproximou por influência de Plínio Salgado e o movimento muito se desenvolveu após a morte de Jackson de Figueiredo. Trata-se então, de uma nova influência sem grandes consequências sobre Tasso da Silveira, tanto assim que realmente o lado político de Tasso representou apenas uma adesão sua, mais ou menos técnica; diretamente, ele

nunca participou. Tasso é muito influenciado por Jackson na sua conversão ou rever-são, eu não sei bem qual a evolução religiosa de Tasso, não sei se ele passou, como muitos de nós, algum tempo afastado da Igreja, da religião. De qualquer maneira, o princípio da vida dele foi todo literário, ele foi trazido para o espiritualismo através de certas figuras: Maeterlink, Romain Rolland, que não eram católicos, cristãos definidos, digamos assim, mas que faziam parte, através do Simbolismo, desta importância do movimento espiritual. Através do pai e dos inspiradores do movimento simbolista e das idéias espiritualistas, Tasso já vinha impregnado de um espiritualismo indefinido, pela própria formação doméstica, e de uma espécie de psiquismo pouco pitagórico, daquele neo-classicismo, mas com a aproximação a Jackson, e ao Círculo da Livraria Católica e à revista *Terra do sol*, na qual ele teve uma participação literária bastante importante, o espiritualismo vago, indefinido, cosmopolita de Tasso se definiu. Quando surge então o movimento Modernista em São Paulo, em 1922, Jackson se manteve contra o Movimento, embora naquele famoso discurso de Graça Aranha, em 1924, Graça Aranha o tenha incluído no grupo daqueles que o cercavam. Realmente, as idéias de Jackson eram bem diferentes das idéias mais ou menos vagas de Graça Aranha. Mas, tanto Jackson admirava Graça Aranha que, quando Jackson morreu, Graça Aranha escreveu um artigo extremamente elogioso sobre sua figura, em um número da *Ordem*, a ele dedicado. Jackson também tinha grande admiração por Graça Aranha, talvez justamente pelas idéias daquele seu espiritualismo vago, que, de certo modo, também vinha do Simbolismo. Graça Aranha foi um espírito ao mesmo tempo realista e simbolista. De certo modo, ele é um herdeiro das idéias do espiritualismo germânico, nebuloso. Quando veio o movimento modernista e, em S. Paulo, a Semana da Arte Moderna que, de fato, marcou o início de uma nova geração, Jackson se manteve não só fora, mas, de certo modo, hostil ao movimento, exatamente porque dentro da campanha de recatolicização do Brasil, Jackson se colocou muito nitidamente contra toda idéia revolucionária, integrando-se logo na chamada contra-revolução, com os mestres da contra-revolução. Através desses mestres como Maurra, De Bonalde que influenciaram bastante Jackson, do ponto de vista político, justamente com a influência religiosa e filosófica de Farias Brito, em 1922, Jackson se manifestou contrário ao movimento em S. Paulo, porque esse movimento era revolucionário, era neo-romântico. Realmente, o Modernismo é uma espécie de neo-romantismo porque coloca a liberdade e a liberdade criadora no plano estético, como valor supremo. Jackson foi, justamente, um daqueles que na sua campanha reacionária colocou a idéia de autoridade acima da idéia de liberdade. Filosoficamente, a nota típica de Jackson foi que ele restaurou no plano da alta inteligência, da alta intelectualidade de que fazia parte, essa reação anti-liberal e anti-libertária e, ao contrário, pró-autoritária, pró-autoridade e reacionária.

Isso colocava Jackson num ponto de divergência fundamental contra o temperamento e a idéia do Modernismo que era afirmar a liberdade estética como fundamental: Mário, Oswald, Bopp, Alcântara Machado e todos aqueles que participaram inicialmente e depois no desdobramento. É nítido que o movimento modernista em S. Paulo foi feito como o Romantismo fora feito, no princípio do século XIX. Ora, Jackson se colocava precisamente numa situação anti-romântica. Todos esses autores, De Bonalde, Maurra tinham empreendido uma campanha anti-romântica contra as idéias do Romantismo e sobretudo contra essa idéia de exaltação da liberdade.

Nesse ponto, Jackson deixou de lado o Simbolismo que, por sua vez, era um neo-romantismo, porque o problema é esse: há o Romantismo, há o Simbolismo, há o Modernismo, todos na mesma linha. Jackson se colocou ao lado do Classicismo, das idéias neo-clássicas que defendeu através de seus livros e de uma atitude reacionária. Defendeu a idéia de uma reação clássica, pois não era apenas um filósofo, um político, mas um grande escritor e empreendeu todo um movimento de modernização do Classicismo. Nesse ponto, houve uma diferenciação entre Tasso da Silveira e o grupo que vinha do Sul e Jackson, porque este se colocou contra o movimento modernista, enquanto Tasso adere ao Movimento, embora separado das correntes modernistas, sobretudo paulistas. Houve mesmo um choque forte, daí ter surgido a revista

Festa, pois eram muitas as revistas que começavam a circular: **Movimento** — revista inspirada por Graça Aranha e pregava o modernismo da exaltação da máquina —, **Estética**, de Prudente de Moraes Neto, bastante ligada a **Klaxon**, ao primitivismo, àquela volta à estaca zero, à poesia "Pau-Brasil", ao poema piada que representava, justamente, o oposto a Jackson.

— O ponto fundamental da diferença entre o grupo **Festa** e os outros grupos seria, então, o filosófico?

— Sim, o grupo de Tasso, Cecília Meireles, Barreto Filho, Murilo Araújo, todos eles, foi impregnado de uma filosofia espiritualista da vida, cuja fonte remota era Farias Brito, quando reagiu contra Tobias Barreto, nos meados do século XIX. Essa filosofia seria depois atualizada pela influência que Farias Brito exerceeria sobre Jackson e pela conversão do próprio Jackson que teria passado desse espiritualismo vago, pan-psiquismo, digamos assim, para o espiritualismo católico, definido. Todo esse grupo que vinha do Sul, do Rio mesmo e do Norte, Barreto Filho, por exemplo, é um sergipano, esse grupo do "Café Gaúcho", para termos um ponto de referência, onde se desenvolveu, eram todos noctívagos, boêmios, e o próprio Jackson se tornou um grande boêmio. Sua vida era noturna, escrevia de madrugada ou passeava pelas ruas do Rio com seus amigos. Houve, então, uma separação em 22, entre Jackson e Tasso, separação do ponto de vista literário.

— Literário ou filosófico?

— Não, filosófico não. A filosofia espiritualista era comum, embora Jackson a tivesse precisado catolicamente e Tasso, juntamente com Muricy mais vagamente, porque Muricy se ligou à música, à escrita literária, não marcando tão nitidamente as suas próprias idéias filosóficas. Do ponto de vista filosófico, Tasso foi influenciado por Jackson, tanto assim que **Terra do sol** foi redação de Jackson e Alvares Pinto; Tasso foi convidado por Jackson para ser o diretor. Não juro que tenha sido justamente assim, porque quem pode dizer com mais precisão é o Muricy, que fazia parte do grupo e está bem a par da vida de Tasso. Aliás, Tasso tem uma filha morando em Petrópolis; era uma menina doente, caiu da escada e ficou com um pequeno defeito. A sra. não a conhece?

— Não, conheço apenas uma filha de Tasso, casada e que teve suas quatro filhas matriculadas conosco, no Colégio da Companhia de Maria, no Grajaú.

— Não, essa é solteira, uma menina muito inteligente; o Muricy deve saber o endereço exato. Não deixe de consultá-la, numa outra viagem que a senhora faça ao Rio. Mora em Petrópolis e está muito ligada às Franciscanas; era a preferida do Tasso. Além de acompanhá-lo e ajudá-lo muito, ficou com ele, quando Tasso ficou cego.

Jackson desistiu da Literatura, não se preocupou mais com o Simbolismo, ao contrário, considerou que a sua fase literária estava ultrapassada pela fase filosófico-religiosa e política, esta última que não chegou a se realizar, porque morreu. Graças a Deus, ele não se meteu em política, porque então, sua vida seria mais desastrada, mais infeliz. (Amoroso Lima ri). A idéia dele era fazer um grande movimento político brasileiro na base das idéias intelectuais, sociais. Jackson se desinteressou da Literatura, das raízes simbolistas a que se tinha ligado, ao passo que o Tasso as desenvolveu, acentuando toda a tradição simbolista que trouxera do Sul, como Jackson trouxera do Norte. Jackson a deixou de lado, rompeu, ficou apenas como um produto de sua primeira mocidade; lançou-se para outros terrenos: filosófico e religioso. Tasso não. Manteve as tradições simbolistas domésticas e literárias de sua mocidade. Manteve a sua fidelidade a certos mestres intelectuais, por exemplo, Romain

Rolland, que exercearam uma grande influência sobre ele, ao passo que Jackson se inclinou para outros mestres, de outra categoria, mais sociológicos, digamos assim.

Houve aí uma separação, em face desse problema capital, que foi um grande divisor de águas, literariamente, o Modernismo. Então, em face do Modernismo, Tasso disse "não" ao movimento literário de S. Paulo; não participou aqui no Rio de nenhum movimento literário modernista, o movimento de Manuel Bandeira e outros. Houve então, nesse momento, uma separação; Jackson desinteressou-se da Literatura, enquanto Tasso ficou ligado ao movimento modernista; aceitou o Movimento Modernista, não o aceitou do tipo, digamos assim, tal como era empreendido em S. Paulo, sobretudo pelo grupo de Mário, Oswald, grupo de *Terra Roxa*, ou mesmo pelo grupo do Rio, de Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda, que veio para aqui, ou o de Graça Aranha, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Ronald de Carvalho.

Jackson, do ponto de vista literário, se colocou contra, embora não hostilizasse, se desinteressou.

Houve então, uma separação, embora na revista *Terra do sol* existisse um traço comum — a cultura geral. Tasso convertido, em grande parte pelo contato com Jackson, desinteressado de atuação apostólica ou política, ficou no plano literário. Esse grupo, que seria o de *Festa*, empreendeu um movimento em que o problema da primazia do espiritual, de influência oriental, trazida por Cecília Meireles, animou realmente a poesia de Tasso. Ele tomou como ponto de partida a liberdade criadora e a liberdade estética, ao lado por exemplo, ou diferente, por exemplo, de um outro elemento que veio com o Jackson do Norte, que tinha participado do movimento simbolista na Bahia, Durval de Moraes, e que aceitou esteticamente o neoclassicismo de Jackson. Daí, Durval de Moraes ter se fixado no ponto de vista religioso, espiritual e não ter participado do grupo *Festa*, porque o grupo, embora influenciado por essa primazia do espírito, não o aceitou. Ao contrário, sua reação neo-clássica fez com que a poesia de Durval de Moraes ficasse, de certo modo, marginalizada, porque sua inspiração inicial era simbolista. *Festa* trouxe um neo-classicismo, que pode ser algum dia até ressuscitado, mas que, por agora, está no limbo. (Alceu ri) ao passo que Tasso juntamente com Francisco Karam, outro poeta vindo de outro território, com influência semítica e um pouco à Augusto Frederico Schmidt — poesia bíblica, poesia de salmo — já representa outra influência.

Houve então, uma afinidade, essa origem comum — Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Tasso da Silveira. Depois houve a afinidade filosófica com Farias Brito, bergsoniana, depois a afinidade filosófica e religiosa com Jackson de Figueiredo, a co-participação com Jackson no movimento cultural através da revista *Terra de sol*. Depois houve a autonomia de Tasso, ficando ele no ponto de vista filosófico e religioso com aqueles que tinham, talvez, influência nacionalista. Tasso foi também nacionalista, ficando então, com aqueles que o tinham influenciado na sua maturação, aqui no Rio, entre 22 e 29. Nesse período Tasso adquiriu sua autonomia. Sua formação é como a de todos nós, no sentido de uma semente que se desenvolve, que deve a esse, depois àquele e depois, pouco a pouco, vai adquirindo a sua autonomia; assim o movimento *Festa* vem surgir como uma afirmação da personalidade de Tasso da Silveira.

— De quem foi a escolha do nome *Festa*?

— Tasso escolheu o nome *Festa*, enquanto Jackson havia escolhido *Ordem*. Jackson escolhia o nome *Ordem* em 1921, Tasso *Festa* em 1929. Os nomes são muito sintonmáticos. Jackson estava preocupado com o que ele dizia ser a desordem reinante, desordem quer dos espíritos, quer nos padrões ou na política e, então, via a necessidade de uma reação em favor da ordem que, inclusive, teve repercussão literária no neo-classicismo que Jackson propôs e que um poeta como Durval de Moraes aceitou.

Tasso não aceitou, quando se libertou, a influência exagerada de Jackson — e todo mundo que quer deixar marca, quer dizer, que tem personalidade para deixar marca, tem que sofrer influência e se libertar das influências. São as duas etapas absolutamente necessárias para quem quer fazer alguma coisa, para quem tem vocação para alguma coisa: em primeiro lugar sofrer as influências, assimilar, modificar-se e ir se libertando dessa influência, para adquirir uma certa personalidade que, por sua vez, irá influenciar a outros. Esta é a sequência da história da humanidade. Com Tasso aconteceu justamente isso. Sofreu as influências de seu pai, do seu meio, do seu grupo, da deslocação do Simbolismo para o Sul que foi maior que no Norte; depois sofreu a influência do contato com Jackson, com os nacionalistas, Álvaro Bomílcar da revista *América Latina*, de quem ele se aproximou; toda essa vivência de Tasso aqui no Rio e depois, mesmo antes da morte de Jackson, em 24, 25, depois da revolução paulista, quando Jackson ficou contra e Tasso a favor. Já então teve um gesto de autonomia, aceitar o Modernismo, verificar que era necessário uma revolução do ponto de vista estético, mas que esta revolução tinha que ser feita à luz daquilo que ele havia recebido.

Então era uma revolução e aí está um dos pontos capitais do movimento Festa, ele não foi uma ruptura, mas uma continuidade. Os movimentos de S. Paulo, sobretudo o de Graça Aranha, eram de ruptura com o passado, um movimento do Modernismo anti-passadista, ao passo que o movimento que Tasso e seus compaheiros criaram é um movimento que tinha como base o prosseguimento do Simbolismo. Eram as mesmas idéias, do verso livre, por exemplo, que Jackson não aceitava, porque, justamente, queria o verso clássico. Já Tasso aceitou, pois era um ponto capital para a versificação simbolista. Tasso imprimiu essa idéia nova: aceitar o novo, a revolução modernista, a necessidade da modernização, mas não aceitar como uma ruptura, porém como se o Simbolismo realmente fosse, como de fato foi na sua poesia e na de muitos outros do seu grupo, por exemplo, Cecília Meireles, Augusto Frederico, aceitar mas como se fosse uma continuação daquilo que os simbolistas tinham iniciado. Jackson desinteressou-se do Simbolismo, Tasso continuou. E aí está a originalidade de Tasso: de um lado captou a influência espiritualista que Jackson lhe dera, uma posição espiritualista definida. Na poesia de Tasso não mais encontramos o espiritualismo indefinido dos simbolistas, do Cruz e Souza, por exemplo.

Cruz e Souza foi um dos maiores simbolistas e através de Nestor Vitor, que foi um crítico, do qual Tasso e o seu grupo muito se aproximaram, deixou também sua influência. A influência de Nestor Vitor é absolutamente inegável e contribuiu para que Tasso esteticamente não seguisse as idéias de Jackson, mas seguisse um outro tipo de idéias que eram justamente as do Simbolismo, que Nestor Vitor, de certo modo, o encarnava como crítico. Ele era o crítico da nova geração, e o aceitara totalmente, pois Cruz e Souza por ser autista era muito ligado a Nestor e ao grupo de Tasso, de Muricy. Cruz e Souza, tomado como um dos faróis da nova estética, embora ainda um pouco como herdeiro do Parnasianismo — pois seu simbolismo é um simbolismo de idéias, de certa preocupação espiritual, de tantas figuras míticas e místicas, mas no ponto de vista da forma, da forma verbal — Cruz e Souza é um parnasiano. Tasso se libertou de tudo isso. Outro ponto Jackson era uma figura sobretudo trágica, de certo modo pessimista, sombria. Por outro lado os Andrade eram sarcásticos, irônicos, pessimistas nesse sentido também. Tasso, então, quis trazer a figura da esperança, a figura do otimismo, a figura da alegria para a criação estética. Foi um dos pontos capitais, a espiritualidade, não aquela espiritualidade sombria, tética, dos simbolistas, aquela acentuação da morte, do além, do outro mundo, da religião sombria.

O sentido da escolha do nome, eu acho muito importante; Tasso quis mostrar que o espiritualismo e essa reação espiritualista não representavam uma reação péssi-

mista, introvertida, passadista, retrógrada, anti-moderna, mas que era o contrário. Ao mesmo tempo, não era o sarcasmo, a ironia ou ataques, polémica ou então, a orientação revolucionária, destruidora que, em grande parte, tinha o grupo de S. Paulo. Então, Tasso lançou a idéia da alegria moderna, da poesia como uma afirmação da vida, como sendo a vida sobrenatural, não apenas uma negação da vida natural, mas um prosseguimento da vida natural.

Toda essa idéia, essa ressurreição do catolicismo moderno que o Concílio veio, em grande parte, confirmar, manifesta-se na escolha do nome Festa para o grupo, era que o movimento de recomposição do espírito, de primazia do espírito ou de religiosidade católica, ou de religiosidade oriental para alguns que não eram católicos, como a Cecília, e outros. Era um movimento de afirmação da vida, de explosão da vida, daí o espiritualismo e a liberdade criadora, a liberdade estética, o verso livre e, ao mesmo tempo, a afirmação da vida e do espírito, como sendo a força que dirige a vida e não o realismo, o sarcasmo e a ironia. Tudo isto veio trazer à poesia de Tasso um sentido de liberdade, um sentido de criatividade, um sentido de animação, de fervor, um sentido de religiosidade, religiosidade definida como na poesia "Canto ao Cristo Redentor".

O grupo de Festa me acusava, eu sei perfeitamente — apesar de sempre manter boas relações com eles — eles me acusavam de proteger o grupo paulista, tanto assim que nunca se incorporaram ao Centro D. Vital, ao nosso movimento chamado Vitalista.

Do ponto de vista literário, eles me acusavam, como crítico, de dar importância exagerada ao modernismo paulista, acusavam-me de realmente exaltar demais a obra de Mário, de Oswald, de Alcântara Machado, aquela poesia que vinha de S. Paulo. Esse realismo paulista do Modernismo que era considerado por eles como sendo uma herança do Naturalismo e não do Simbolismo, não sendo portanto uma herança da primazia do espírito, da verdade, do espírito sobre a matéria. Eles achavam que eu exaltava demais a obra dos paulistas e não dava importância suficiente à obra dos cariocas e pós-simbolistas. Houve sempre uma certa, não chegou a ser animosidade, mas um certo ressentimento, digamos assim, uma certa frieza. Como eu, realmente, não participei do grupo paulista, nem mesmo do de Graça Aranha, embora critique muitos de seus livros, como *A estética da vida*, me mantive mais ou menos isolado e independente, tendo com Tasso as melhores relações pessoais, procurando na minha seara, quanto possível, acompanhar o movimento com a simpatia que me inspirava. Justamente as críticas que fiz em S. Paulo, eu me lembro muito bem, uma vez, indo a S. Paulo, em 25 ou 26, tive um encontro na casa de Mário de Andrade, com Mário e Alcântara Machado. Eu fazia uma crítica ao movimento deles, o movimento primitivista. O Mário não gostava muito do nome, ele dizia que não era primitivista, mas como ele exaltava muito o índio, a volta à natureza, a simplificação e tudo isto, o título ficou. Eu me lembro da conversa que tivemos, eu havia escrito um artigo qualquer que deve estar no 1º volume de *Estudos Literários*, ou de *Estudos*, porque essa conversa deve ter sido em 24 ou 25 e *Estudos* começou a ser publicado em 27. Eu tinha feito, então, uma crítica ao grupo paulista. Eu o entendia querendo ser um grupo que representasse a poesia brasileira, a brasiliade da poesia, mas acentuando suficientemente o que eu chamo de lado místico. Eu mesmo, nesse tempo, era apenas um convertido, eu estava ainda em debate com Jackson, e o próprio Mário era muito mais católico.

— Ele era congregado mariano, não?

— Sim era congregado mariano. Eu não era; ele ficou sempre: sou, não sou. (Alceu ri). Eu me lembro de suas cartas, são muito engraçadas; dizia ele: "Diante dos católicos eu digo que não sou católico, diante dos que não são católicos, eu digo

que sou." Achei graça. Ele se sentia bem quando estava oposto ao que ele era, espírito de contradição. Lembro-me então que eles me perguntaram naquela ocasião, em casa de Mário: mas, afinal de contas, o que é que você entende por falta de dimensão mística? Não me lembro mais o que disse, penso que tenha sido o seguinte: o povo brasileiro era um povo naturalmente sobrenaturalista, era um povo animista, era um povo psiquista, se quiserem, mas era um povo também cristão e até católico, porque realmente o povo como tal é muito mais vago. Em todo caso é o que se verifica no povo brasileiro e na poesia que vem a ser a do povo brasileiro, como do folclore nordestino, por exemplo.

(Texto aprovado para publicação por Alceu de Amoroso Lima no Rio de Janeiro, a 22 de setembro de 1977).